



MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. **Da língua ao discurso: marcas de identificação no fio enunciativo.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 10, Dezembro 2011. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

DA LÍNGUA AO DISCURSO: MARCAS DE IDENTIFICAÇÃO NO FIO ENUNCIATIVO

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo reconduzir a materialidade da língua à discursividade do arquivo, para compreender a construção de um efeito identitário na obra diarística *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Trata-se de um estudo descritivo interpretativista que reconfigura três categorias linguísticas (formas de modalidade, junção conectiva e deslocamento sintático) mediante o jogo do interdiscurso com o intradiscurso. Situando-se para além da divisão estanque entre “o de dentro” e “o de fora” da língua, esta análise prestigia um movimento de desterritorialização teórica, em que o objeto discurso não é tomado na complementaridade do objeto língua. Como resultado da análise da materialidade discursiva, depreende-se que a intercessão da sintaxe com a historicidade compõe a divisão de uma posição-sujeito de porta-voz dos excluídos, bem como a congregação dos objetos em um regime de formação, traduzido: pela valorização do local e do regional; pela desestabilização das fronteiras entre o público e o privado e pelo rechaçamento do saber da história tradicional em prol do intempestivo, plural e heterodoxo saber “pós-moderno”. Em síntese, este trabalho fundamentado nos pressupostos da Análise do Discurso derivada de Pêcheux e Foucault reafirma que o enunciado é, antes de tudo, atestado no interior do arquivo.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; discurso; sujeito.

ABSTRACT

This paper aims to bring the materiality of language to discursivity of the file to understand the construction of an effect of identity in the work *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, of Carolina Maria de Jesus. It is a descriptive and interpretative study that rewrites three linguistic categories

1. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/Campus Jataí.

(forms of sport, joint connective and syntactic movement) through the game with interdiscourse / intradiscourse. Reaching beyond the watertight division between “insiders” and “outside” of language, this analysis lauds a movement of deterritorialization theoretical in which the discursive object is not taken on the complementarity of the object language. As a result of the analysis of discursive materiality, it follows that the intersection of syntax with the stories make up the division of a subject position as spokesman of the excluded, and the congregation of the objects in a training regime, translated: the appreciation the local and regional; the destabilization of the boundaries between public and private; and the rejection of the traditional story in favor of the untimely, pluralistic and heterodox knowledge “postmodern.” In summary, this work based on the assumptions of discourse analysis derived from Pêcheux and Foucault insists that the statement is first of all, certificate within the file.

KEYWORDS: Language; discourse; subject.

Introdução

Considerar, com Pêcheux, que não há transparência entre a sintaxe e o efeito do interdiscurso² implica focalizar pontos de deriva da significação instituídos pela natureza equívoca da língua. Na mesma direção, e sem desconsiderar o perigo da supressão das diferenças no interior mesmo do solo epistemológico da desconstrução, este trabalho arrisca uma assimilação da opacidade da língua com a instabilidade das identificações dos sujeitos sociais, realizadas na modernidade tardia sob o viés, também simbólico, da cultura.

Situando a identificação em um espaço indeterminado de alteridade que, segundo Lacan (1985), “não é nem o meu discurso, nem o do meu interlocutor”, este trabalho, filiado à Análise do Discurso (doravante AD), segue em busca de alguns lances identificatórios do sujeito na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus³.

Especificamente, ele prestigia a rede de enunciados em que se produzem (não mais que) efeitos de uma “ética liberal de tolerância” e de aceitação das identidades minoritárias imaginariamente con-

2. Na teoria discursiva que embasa esta análise, o interdiscurso é definido como: o eixo vertical onde residem os dizeres já ditos (PÊCHEUX, 1995), enquanto o intradiscorso seria: “o lugar em que se realiza a sequencialização dos elementos de saber, onde o desnivelamento interdiscursivo é linearizado” (COURTINE, 2009, p. 101).

3. Moradora da favela paulistana do Canindé que, entre meados de 1955 e o início de 1960, registrou o seu cotidiano em trinta e cinco cadernos de páginas encardidas, que viriam a ser descobertas pelo jornalista Audálio Dantas e publicadas cinco anos mais tarde sob o título *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Escrito em um registro peculiar de linguagem, que oscila entre o erudito e o popular, o texto da catadora de papel semi-alfabetizada mescla o tom coloquial – marcado por infrações à gramática – com uma fixação por termos da norma “cult” e pelo exercício sintático mais elaborado.

validadas pelo sujeito discursivo no âmbito da posição de porta-voz em comunhão com os marginalizados sociais. Isso porque a escrita diarística de Carolina de Jesus abriga formulações enunciativas em que a presença de uma interdiscursividade instaura a divisão no interior da formação discursiva (FD) de convalidação das memórias subalternas.

Mais especificamente, as análises seguintes depreendem alguns lances de *singularidade desta prática de si*, que instauram a posição-sujeito de porta-voz numa ordem de integração, mas também de disjunção com os proscritos sociais. Identificam-se, de fato, movimentos discursivos capazes de instaurar o posicionamento subjetivo numa dinâmica de heterogeneidade e diferença (oscilação entre a convergência e a disjunção com os excluídos), mas também de ambiguidade e indeterminação das identificações. Afinal, como assevera Grigoletto (2006, p. 18), “ao trazer de fora o elemento com que o ego se identifica – o reprimido – o impossível permanece irreduzivelmente fora do campo de identificação do ego”.

É o que se relata mais adiante, a partir da análise de formulações enunciativas balizadas por procedimentos de distribuição da informação, que são associados, pela teoria funcionalista e pela linguística textual, às noções de dado e novo. Ao lado dos marcadores de modalidade e dos mecanismos de junção, esses procedimentos de organização textual – *estratégias de tematização ou rematização* segundo Koch (2007) – se apresentam aqui como categorias que propiciam a entrada “linguística” na materialidade discursiva.

A necessária desterritorialização teórica: o discurso, para além do “dentro” e do “fora” da língua

A natureza de determinadas questões suscitadas pela diarística de Carolina de Jesus instaura a necessidade de esse estudo se colocar num espaço que se furte, simultaneamente, de priorizar o de “dentro” e o de “fora” da língua. Ou seja, exige que este olhar dirigido a uma determinada prática linguageira escape tanto do *elitismo logicista* – derivado da análise interna do sistema linguístico –, quanto do *humanismo reformista* – atento aos condicionantes “externos” das práticas culturais minoritárias. Delatados por Mazière (2007, p. 77-78), nenhum desses extremos possibilita compreender a construção de efeitos semânticos configurados pela articulação de saberes e marcados, na atualidade da enunciação de *Quarto de despejo*, por meio de determinados procedimentos linguísticos.

Conforme se tem enunciado ao longo da história da AD, a abordagem do discursivo impõe um movimento de desterritorialização teórica (Cf. COURTINE, 1981; GADET, 1978), de forma que o ob-

jeto *discurso* não seja tomado na complementaridade do objeto *língua*. Tal como provinda de grandes expoentes da teoria linguística (sobretudo do programa gerativista), instala-se, no cerne dos estudos da linguagem, uma tripartição, passível de ser traduzida pela metáfora chomskyana dos círculos concêntricos.

Na base desta formulação, que paga tributo ao deslocamento trazido pelo corte saussuriano entre *língua* e *fala*, encontra-se a convalidação de três dimensões – o centro, a margem e o exterior –, que abrigariam, respectivamente, os seguintes aspectos reconhecidos no fenômeno da linguagem: a) o “núcleo duro” e sistemático, composto predominantemente pela sintaxe e dado à descrição imanentista; b) os fatos (*equivocos*) resistentes à descrição sistemática e que se localizariam na fronteira do núcleo com uma exterioridade linguística e c) a esfera do contextual, referido como o sócio-histórico extralinguístico.

Segundo Ferreira (1999), que se interessa pelos pontos e contrapontos da configuração do objeto *língua* em Saussure, Chomsky e Pêcheux, a metáfora geométrica da linguagem, formulada na paisagem gerativa atualiza a longínqua inquietação sobre “o de dentro” e “o de fora” da língua, mas se torna incompatível com os propósitos da AD. Apoiando-se na crítica feita por Gadet (1978), a autora assevera que:

(...) na perspectiva da teoria do discurso, língua e discurso não representam distintos círculos indo do [+interno], do [+próximo] para o [+externo], [+distante]. Em suma, o discurso não seria um “nível a mais”, a complementar a língua, visto que ambos não formam um par opositivo, e sim, apontaria para uma “mudança de terreno”. (FERREIRA, 1999, p. 125)

Distanciada da arquitetura de círculos concêntricos, dos quais apenas o *núcleo*, essencialmente sintático, estaria de fato na pauta da empresa linguística, a concepção de discurso que sustenta este trabalho inscreve o contexto interpretativo dos enunciados no interior da própria descrição. Isso implica uma dupla ruptura em relação a diferentes caminhos passíveis de serem seguidos na abordagem do produto cultural em questão, a saber: a obra *Quarto de despejo*.

Conforme se evidenciará no decorrer do presente artigo, esta análise descritivo/interpretativa não segue indiferente aos furos do sistema (ou às “bordas” da língua) nem tampouco ao exterior sócio-histórico-ideológico. Ou seja: a análise que ora se apresenta não prescinde das marcas dos procedimentos de linguagem, mas também não deixa de prestigiar a historicidade constitutiva dessas marcas. Situando-se para além da divisão estanque entre “o de dentro” e “o de fora” da língua, legitima-se, aqui,

a intercessão desses dois termos forjados alhures, sendo que a análise dos efeitos de sujeito reconduz a materialidade da língua à discursividade do arquivo⁴. Isso porque, como assegura Guilhaumou (2009, p. 27), “o enunciado é, antes de tudo, *atestado no interior do arquivo*” (grifos meus).

Na esteira da reivindicação desse território “incerto em que a língua e a história se defrontam” (PÊCHEUX, In: COURTINE, 2009, p. 21), este trabalho segue atento à advertência de Pêcheux e busca se precaver, simultaneamente, da “cegueira quanto à história” e da “surdez quanto à língua”. Nesse sentido, adere à perspectiva de “situar os recursos interpretativos do texto no seu interior” (GUILLAUMOU, 2009, p. 31). Uma vez que, segundo Marandin (1994), a relação forma/sentido é sempre mediada pela sintaxe e que o exterior do discurso só tem vida no dispositivo (não apriorístico) de arquivo, delimitam-se, aqui, três categorias linguísticas, que se apresentam reconfiguradas mediante o jogo do interdiscurso com o intradiscurso. Trata-se dos recursos demarcadores da *modalidade*, da *junção conectiva* e das diferentes formas de *deslocamento sintático*, enfocadas em algumas abordagens da linguística como topicalização, rematização, deslocamento à esquerda e clivagem.

No funcionamento discursivo, a comunhão com os excluídos

Em razão da constituição epistemológica da Análise do Discurso, base teórica que sustenta este trabalho, a mobilização de categorias linguísticas, tais como as formas de *deslocamento de constituintes nos enunciados* (Cf. KOCH, 2007), se faz mediante um deslizamento no tratamento do dado e do novo. Em busca das rupturas que arregimentam um sentido ilusório de singularidade para o sujeito narrativizado em *Quarto de despejo*, esta análise situa o dito e o já-dito perante o entrelaçamento indissociável da atualidade com a memória; perante a ausência da separação entre passado e presente na

4. Para melhor visualização do sentido em que este estudo assume o termo arquivo, é preciso voltar à Arqueologia do saber, em que Foucault (2005, p. 146-147) esclarece: “Não entendo por esse termo a soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida; não entendo, tampouco, as instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos de que se quer ter lembrança e manter a livre disposição. Trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das performances verbais, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo; que em lugar de serem figuras adventícias e como que inseridas, um pouco ao acaso, em processos mudos, nasçam segundo regularidades específicas; em suma, que se há coisas ditas – e somente estas –, não é preciso perguntar sua razão imediata às coisas que aí se encontram ditas ou aos homens que as disseram, mas ao sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz”.

instância do acontecimento. Nesse sentido, empreende-se uma análise das formulações concretizadas na sequência⁵:

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (QD, p. 147)

A articulação do registro do real com a ordem do simbólico promove o aspecto inevitavelmente faltoso de todo significado. O fato de que todo sentido é crivado por outros tantos, impossíveis de serem reabilitados na inteireza inapreensível do interdiscurso, dá lugar à interpretação de pontos de deriva constituídos nestas formulações. Nas formas do deslocamento sintático⁶ dos constituintes e termos oracionais destacados em negrito, assinala-se o movimento de reconfiguração do interdiscurso, operado pelo imbricamento da memória – restituída sob a forma de pré-construído – com uma atualidade. Em “**Preta é a minha pele / Preto é o lugar onde eu moro**”, a superfície discursiva marca, com a anteposição do rema, o movimento que neutraliza a ruptura entre um passado (origem dos sentidos prévios a recuperar) e um presente (lugar de recuperação do já enunciado). Com isso, reafirma-se a natureza constitutiva do exterior (o já-dito, do/no passado) em relação ao *mesmo* da discursividade “atual”.

Contemporaneamente a esse jogo na/com a linguagem, realiza-se a identificação cultural do sujeito na dimensão étnica da sua constituição identitária. Assim, entre o dito e o já-dito, imbricam-se, no discurso, diferentes movimentos identificatórios e produções identitárias, numa ordem de fragmentação e deslocamento típica da liquidez pós-moderna (Cf. BAUMAN, 2001). Uma instabilidade que desterritorializa a formação discursiva, alargando o seu escopo para além da luta de classes e situando-a, pelo viés da cultura, perante as diferentes versões da luta coletiva contra o esquecimento na modernidade tardia.

Além desse movimento identificatório empreendido na esfera da etnia e que constitui uma resistência a determinados saberes e poderes, a materialidade linguística da sequência marca, sob a forma do deslocamento sintático, intrincado à construção do foco, outra identificação do sujeito, operada no âmbito da idade.

Em “**Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra**” e em: “**E nós / quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu**”, o recurso de rematização⁷, atravessado pelo marca-

5. Nas sequências que constituem a materialidade de análise deste trabalho, utilizam-se os seguintes recursos para destacar as formas analisadas: negrito (para as formas de organização da informação); itálico (para as formas de modalidade) e traço de sublinha (para destacar as formas que operam junção de elementos).

6. Especificadas, a partir de interesses distintos, por PONTES, 1987, KOCH, 2007, CALLOU et al, 1993.

7. A apropriação das noções de tema/rema e, por extensão, dos procedimentos de rematização e tematização não se faz, neste trabalho, em desatenção à variação terminológica, sintomática da diversidade de pontos de vista segundo

dor de foco “**é que**” (e, no segundo caso, pela estrutura de tópico: E nós), participa da construção identitária do velho como guardião do passado, cuja função social é lembrar e aconselhar (BOSI, 2004, p. 18).

Essa construção, que, tal como a modalização, não se processa a revelia de uma memória discursiva, ou seja, de um *dado* incontornável (MAZIÈRE, 2007), se faz, ainda, no primeiro enunciado, com a participação de outro elemento marcador de foco: o item lexical Só. O amálgama dessas estruturas linguísticas com uma exterioridade inscrita na própria materialidade discursiva engendra, simultaneamente ao efeito do mesmo, a desqualificação de outro saber, que se mostra indiferente à “experiência de vida”. Esse saber desautorizado, que, retomando Bosi (2004, p. 19), podemos identificar com o *bloqueio dos caminhos da lembrança na sociedade capitalista*, emerge sob a forma do não-dito e reafirma a configuração da idade como um dos aspectos embutidos por entre as classes sociais e as suas relações de desigualdade.

No horizonte da relação entre classe social e esquecimento, pode-se inscrever também esta sequência, estruturada a partir de uma construção relativa que gera a segmentação enunciativa:

O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. (QD, p. 26)

A marca sintática (**o que... é**) típica das orações cindidas é tomada aqui não como expressão do envolvimento do falante, que antecipa na formulação aquilo que constitui a meta da sua enunciação (como se lê em Koch, 2007). Noutra direção, que não tem em mira uma individualidade criativa do locutor, esta análise focaliza o jogo do simbólico com o real, que, como assegura Pêcheux (1999, p. 14), expõe o olhar leitor a “*níveis opacos à ação estratégica de um sujeito*”. Desse modo, os sentidos de oposição que aqui se depreendem a partir do movimento descritivo/interpretativo postulado por Pêcheux distanciam-se do sentido implicado no uso das estruturas cindidas, que é definido em Koch (2007, p. 117) como:

(...) sutil oposição ou contraste. Segundo Hupet & Costermans (1982: 280), ao usar uma estrutura cindida, a intenção do falante é contrastar sua mensagem com qualquer outra proposição. (...) as cindidas podem ser vistas como motivadas pela

os quais estas categorias são concebidas pelas diferentes feições da lingüística. No entanto, a agenda estabelecida para esta investigação impõe que este trabalho mobilize tais ocorrências destituindo-se da pretensão de descrição exaustiva ou da circunscrição das formas analisadas a uma das grades lingüísticas de leitura (como as abordagens funcionalista, gerativista ou cognitivista). Resguardado o zelo contra recobrimentos levianos e aproximações indevidas, a recorrência à nomenclatura lingüística subordina-se, aqui, aos propósitos da pesquisa, que busca compreender a produção identitária, dada no cruzamento da língua com a historicidade constitutiva do discurso.

discordância que o falante supõe existir entre a sua posição e aquela que ele sente autorizado a atribuir ao seu interlocutor.

Não obstante os méritos dos estudos pragmáticos arrolados por Koch (2007), o que aqui se busca prestigiar é a relação das marcas lingüísticas com o interdiscurso, exterioridade inscrita na ordem mesma do *que se diz*. Nessa perspectiva, parece relevante analisar o ponto de deriva dos sentidos que promove a resignificação da forma verbal *aviso*, disposta no interior da estrutura cindida. Produzida numa rede enunciativa que se dá permanentemente à desestabilização, a significação desta forma verbal desliza da mera notificação à ameaça, sob o crivo da dinâmica interdiscursiva, em que o focalizador “*é que*” demarca a contraposição a um dizer-outro, insensível às necessidades básicas da população. No movimento simultâneo de identificação do sujeito com os excluídos e de construção de um efeito identitário pautado na resistência à estrutura social vigente, emerge o sentido “novo”, determinado pelo resto que insiste e resiste a se dizer (bem como pela repetição que dá lugar ao singular). No jogo entre repetição e diferença (corroborado por Deleuze, 2006), produz-se um sentido subversivo, que, em verdade, não é mais do que efeito do funcionamento discursivo, tal como na sequência:

Eu estou triste porque não tenho nada para comer.

Não sei como havemos de fazer. **Se a gente trabalha** passa fome, **se não trabalha** passa fome. (QD, p. 114)

Como sintoma da regularidade que governa a repetibilidade material do enunciado, tem-se, nesta sequência, o emprego da tematização (**Se a gente trabalha / se não trabalha**), articulado ao fenômeno da modalidade, expresso pelos tempos/modos verbais (**havemos de fazer / trabalha**). Pela via dessas ferramentas da língua, delimita-se o confronto entre a inscrição enunciativa do sujeito enunciatador e uma outra circunscrição ideológica, comprometida com a tese capitalista de que o trabalho assegura a dignidade humana.

Semelhante desarranjo da memória pode ser visualizado a partir da abordagem da tematização na sequência:

Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhes conforto e riquezas. (...) **Já nós os pretos** não tivemos um profeta para orar por nós. (QD, p. 108)

A anteposição do elemento temático destacado integra a regularidade de um processo discursivo marcado pela desestabilização de sentidos petrificados. Entre eles, os sentidos formatados no espaço discursivo da religião, em que a providência divina é idealizada como instância redentora dos humildes, plenamente acessível aos que nela se confortam. Balizada por este índice sintático, insinua-se a relação do fio do discurso com outras falas, que simultaneamente o perpassam e se vêem transfiguradas. Na atualidade do intradiscurso, a organização sintática da sequência tema/rema sinaliza para a derrocada da premissa igualitária, traduzida no ideal cristão de nivelção dos indivíduos no plano metafísico. Sobretudo porque é de fato neste mundo (e para todos) que se deve reivindicar assistência e proteção.

Heterogeneidade discursiva e a disjunção com as vidas obscuras em Quarto de despejo

A partir do espaço de confluência entre os trabalhos de Foucault e Pêcheux, esta análise de sequências discursivas que se materializam na escrita diarística de Carolina de Jesus passa às formulações enunciativas em que a presença de uma interdiscursividade instaura a divisão no interior da própria formação discursiva de referência.

Nesse movimento, que reafirma a diferença estrutural dos processos identitários, em detrimento da simples diversidade de posições-sujeito, desestabilizam-se os sentidos “próprios” de uma FD – não mais considerada como conjunto estável de enunciados, obtidos a priori, a partir de condições estáveis de produção. Configura-se, com efeito, neste estudo, o que Courtine (2009) denomina uma forma de corpus, à maneira de um conjunto de seqüências ligadas em uma rede de memória. Em suma, o reconhecimento da posição-sujeito que ora se focaliza participa da construção dinâmica do corpus, “gerida em integração com o movimento de análise”. Afinal, tem-se em vista que “a regularidade vale como estrutura, mas não impede o reconhecimento da força de organização do sentido por considerações e acontecimentos discursivos, únicos” (MAZIÈRE, 2007, p. 30).

Feita esta consideração, este estudo passa à varredura do interdiscurso desta sequência discursiva de referência:

Os favelados todos os anos fazem fogueiras. Mas em vez de arranjar lenha rouba uns aos outros. Entram nos quintaes e carregam as madeiras de outros favelados. Eu tinha um caibro, eles levaram para queimar. Não sei **porque é que os favelados são tão nocivos. Alem deles não ter qualidades** ainda surgem os maus elementos que mesclam-se com eles. (QD, p. 63)

A partir do batimento desta superfície discursiva com a sua contraparte político-ideológica, depreende-se que o funcionamento da língua no interior de uma formação social constrói um efeito discursivo de aproximação entre o que é “pensado” *antes* e o que se afirma no presente. Por meio das formas sintáticas destacadas em negrito, que concedem proeminência a determinados elementos do intradiscurso, realiza-se, ao mesmo tempo, a marcação do pré-construído como manifestação do dado incontornável, como exterior discursivo incluído em uma interdiscursividade. Desse funcionamento, que faz a língua exceder uma função (de comunicação, de interação) e apresentar-se, ao lado da história, como partícipe da construção dos sentidos, emerge uma possibilidade de interpretação: aquela que reconhece, nesta sequência, uma reafirmação da fragilidade moral dos favelados. Na relação com uma rede enunciativa, cujos elementos de saber se constituem sob o crivo de diferentes campos discursivos e dos dispositivos de controle investigados por Foucault, instala-se o sentido de uma convalidação do imaginário social que associa a identidade do favelado com a vileza e a periculosidade. Eis uma identidade com que o sujeito-enunciador contingentemente se contra-identifica, a partir do funcionamento discursivo, que se institui no encontro das formas da língua (determinadas pelo inatingível do sentido) com uma historicidade constitutiva do discurso.

Articulado a esse movimento simultâneo de contra-identificação do sujeito e de produção de uma dada identidade do favelado, realiza-se um deslizamento dos sentidos assumidos pelas palavras **qualidades** e **nocivos** em determinadas formações / sequências discursivas. No interior das estruturas marcadoras de foco que compõem o intradiscurso desta sequência, a mobilização do elemento é que, do intensificador (“tão nocivos”) e da expressão denotativa de inclusão (“Além deles não ter qualidades”) vem clivada por dizeres outros, cuja matriz histórico-ideológica direciona sentidos para a condenação do *ethos* do favelado. Essa clivagem do intradiscurso, todavia, não faz coincidir plenamente os sentidos outros, produzidos alhures, e o sentido que está “contido” na afirmação global da formulação (no novo). Uma vez que os sentidos escapam às palavras (PÊCHEUX, 1999), irrompem, na relação dos enunciados com o seu campo adjacente (FOUCAULT, 2005), efeitos semânticos que associam nocividade a preguiça (à lei do menor esforço) e operam uma disjunção entre os favelados e os “maus elementos”. Diferentemente dos últimos – que são implicitamente associados à ação, à violência – aos primeiros, se lhes acusa numa perspectiva de ordem negativa, centrada no que lhes falta: critica-se neles – novamente por meio da incidência, no fio discursivo, de um saber provindo do interdiscurso (da formação discursiva capitalista) – a falta de iniciativa e de produtividade.

A partir das pontuações de Gregolin (2004) sobre os diálogos e duelos de Foucault e Pêcheux, poder-se-ia reconhecer, nesta prática discursiva, o jogo entre a estabilização das significações e as transformações do sentido, realizado numa *zona intermediária de processos discursivos em que as proprie-*

dades lógicas dos objetos deixam de funcionar. Nada que se deixe recobrir, portanto, apesar da aparente coincidência, pela postulação de que, nos marcadores de foco, instaura-se um tipo de “contraste entre uma informação explícita e outra(s) implícita(s) ou constante(s) de outro discurso – do interlocutor, por exemplo.” (AZEREDO, 2007, p. 125).

Entremeando as dimensões de classe e gênero da constituição identitária, a materialidade seguinte abriga o funcionamento discursivo de estruturas sintáticas, cuja descrição permite algumas interpretações:

Eu estou cansada e enojada da favela. O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome no Diário, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio. E se eu fosse uma dessas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escândalo? (QD, p. 156)

No âmbito desta sequência, a combinação dos indicadores de modalidade (tais como: o modo verbal, em fosse, chegasse e fizesse, o pronome dessas e a conjunção condicional se) com o procedimento de junção conectiva (marcado no operador E) concretiza a constitutividade do já dito em relação ao fio do discurso. No entremeio do núcleo (linguístico) com um exterior (não menos languageiro, assimilado ao pré-construído de que *as faveladas não têm compostura*), edifica-se, a um só tempo, a síntese identitária pejorativa da *mulher negra da favela*, bem como a separação do enunciador em relação a esta subjetividade.

Tendo em vista que a singularidade fluida do que somos (assim como aquilo que não se é) se constitui pelo discurso, na relação com uma alteridade heterogênea, cumpre analisar a sequência:

(...) um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (QD, p. 44)

Sob o pretexto da autodepreciação, cujo efeito foi impresso pelo uso reiterado do instrumento de junção no interior do paralelismo sintático (E que... E que), o funcionamento discursivo traça um movimento identificatório contemporâneo a determinada identidade feminina, rechaçada nos domínios do discurso de referência. Dessa marcação na superfície textual, depreende-se a cena discursiva em que o intradiscurso simula a assunção dos sentidos “alheios”, que conjuram a identificação da mulher com a atividade intelectual. Assim também na formulação inicial, em que a marca de modalidade

(não há de), combinada à negação, parece convalidar o posicionamento tradicional, avesso ao reconhecimento da inscrição cultural feminina. Tanto quanto o indicador de foco (é que), esses mecanismos se deixam ler à luz da interdiscursividade constitutiva da enunciação, em que se materializa a contra-identificação do sujeito com uma identidade da mulher – desafeita às letras.

Mediante a indissociação do fio discursivo com os domínios de memória e antecipação do enunciado, arregimentam-se interpretações da materialidade:

Só se ouvia a voz de Dona Amelia que demonstrava prazer na polemica, ela teve varios filhos. Distribuio todos. (...) Pretere os filhos e prefere os homens. O homem entra pela porta. O filho é raiz do coração. (QD, p. 44)

Longe da ação estratégica do locutor – que “triumfaria” sobre o sistema linguístico e sobre os conteúdos culturais, ao infringir a grafia oficial e reabilitar sentidos outros, tais como os de base ascética –, o que se postula, na análise desta sequência, é a tessitura do discurso nas redes de memória. Assim sendo, focaliza-se a participação do tópico (*O homem; O filho*) no delineamento da oposição, que reparte a identidade feminina entre dois termos mutuamente excludentes, a saber: o exercício da sexualidade e a função maternal. Do mesmo modo, prestigiam-se os encaixamentos sintáticos, traduzidos nas formas de junção aditiva e restritiva⁸ (*Pretere os filhos e prefere os homens / que demonstrava prazer na polemica*).

A remissão desses dispositivos de língua à instância do *todo complexo com dominante da formação discursiva* (cf. PÊCHEUX, 1995) permite reconhecer, na atualidade do discurso, a construção identitária da mulher da favela como sujeito social desvencilhado da elaboração estética de si. Situando-se noutra extremo, o efeito identificatório do sujeito enunciador se estabelece numa ordem ética de diferenciação, curiosamente perpassada pela instabilidade do sujeito em relação ao código linguístico. Isso porque a superfície discursiva abriga subversões à língua (assemelhadas ao *fazer das massas*), as quais se encontram permanentemente ladeadas pelo ideal de erudição (concretizado, aqui, na paronímia *pretere / prefere*).

À maneira do regular que se abre à ruptura, configura-se, ainda, a dinâmica discursiva na sequência:

As mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pães para os filhos. Que o Frei Luiz lhes dá, enquanto os esposos permanecem debaixo das cobertas. Uns

8. Cf. Fávero (1992, p. 60).

porque não encontram emprego. Outros porque estão doentes. Outros porque embriagam-se. Eu não preocupo-me com os homens delas. Se fazem bailes eu não compareço. Só interfiro-me nas brigas onde prevejo um crime. Não sei a origem desta antipatia por mim. Com os homens e as mulheres eu tenho um olhar duro e frio. O meu sorriso, as minhas palavras ternas e suaves, eu reservo para as crianças. (QD, p. 34)

Os encaixes discursivos promovidos pelo recurso à tematização – combinados à correlação no início dos períodos (**uns / outros / outros**), bem como ao deslocamento dos termos (“**Com os homens e as mulheres**” e “**O meu sorriso, as minhas palavras ternas e suaves**”) – ajudam a compor, simultaneamente, determinadas identidades sociais e um movimento contra-identificatório do sujeito.

Com o primeiro recurso, marca-se o funcionamento discursivo que inscreve o contradiscurso a determinadas vozes sociais, restituídas como pré-construídos, de forma a asseverar a dominância da indolência (traduzida na embriaguez) sobre outros determinantes sociais da inércia masculina.

Já com o deslocamento dos constituintes, irrompe, ao lado da contra-identificação com os homens e mulheres da favela, a afirmação de uma construção identitária feminina assentada numa ética de amabilidade e ternura, circunscrita à maternidade. Desse funcionamento, que marca o jogo do intradiscurso com a rede interdiscursiva, emergem efeitos de um “cuidado de si” (Cf. FOUCAULT, 2004), afinado com a ótica patriarcal da feminilidade, definida em Cusset (2008, p. 140) como “mistificação masculina imposta às mulheres”.

Conclusão

Ao longo desta análise, buscou-se compreender a configuração de um efeito identitário em uma escrita feminina, empreendida no contexto brasileiro da pós-modernidade. Para tanto, mobilizou-se o dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso, capaz de fundamentar a apreensão de alguns movimentos de sentido sobre a reabilitação das minorias da História, constituídos no encontro da língua com as suas “bordas” discursivas.

Partindo do princípio de que o funcionamento discursivo permitiria compreender a construção de um efeito-sujeito nessa “prática de si”, a análise instituiu, metodologicamente, uma , que arregimenta os sentidos e a identidade do sujeito narrativizado.

Essa categoria teórico-analítica, estabelecida como conjunto de enunciados que se configuram no es-

paço de cruzamento do sujeito com a língua e a história, direcionou o olhar sobre as regularidades instituídas na materialidade discursiva, sem, no entanto, “negar o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece” (PÊCHEUX, 1997, p. 55). Isso significa que a análise das seqüências que concretizam o *discurso legitimador das memórias subterrâneas* na escrita de Carolina de Jesus teve sempre em mira o repetível (traduzido na regularidade da formação discursiva e na incidência de uma rede de saberes sobre a função enunciativa), mas também tematizou a ruptura.

No jogo entre repetição e ruptura situa-se, com efeito, o ponto nodal deste trabalho, que ora se tenta restituir.

Um olhar apriorístico sobre a materialidade investigada sugere a tranqüila catalogação de Quarto de despejo como prática de contestação, haja vista que, aparentemente insubmissa, realiza o questionamento da realidade vivenciada pelas populações marginais (VIANA, 1995, p. 70). Todavia, não obstante o caráter de resistência implicado nesse exemplar da ação coletiva (que re-produz a plataforma dos combates empreendidos nos terrenos da classe, do gênero, da etnia...), a análise do funcionamento discursivo das seqüências depreendidas sinaliza para uma configuração mais complexa da dinâmica entre poder e resistência.

Reitera-se, de fato, uma complexidade que é assinalada pelas formulações de Foucault sobre a reciprocidade entre resistência e poder. Isso porque as resistências podem fundar novas relações de poder “tanto quanto as novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência” (REVEL, 2005, p. 75).

Assim sendo, a intuição inicial de que a escrita de si analisada rompe plenamente com saberes outros intrincados na escrita tradicional da História não demora a ruir, tão logo se inicie o movimento descritivo/interpretativo. Sobretudo porque, no processo discursivo de construção identitária, a afirmação de determinadas identidades, relacionadas à modelação do sujeito como “amante das letras”, em *Quarto de despejo*, se não apaga, por vezes obscurece determinadas diferenças (“efeitos de resistência”), constituídas nas dimensões de gênero e raça.

A partir de algumas categorias linguísticas (formas de modalidade, junção e deslocamento sintático), colocadas a serviço do funcionamento discursivo, a análise constituiu efeitos de regularidade. Ela chegou a regimes de repartição, depreendidos tanto no âmbito da formação dos objetos (as identidades produzidas), no nível das escolhas temáticas (associadas à legitimação das memórias periféricas), como no plano dos modos de enunciação (atravessados pelas representações do literário e da linguagem ordinária).

Entretanto, esse movimento de depreensão das formulações enunciativas, conformadas em

rede no cruzamento da “atualidade” com domínios de memória e de antecipação, trouxe à baila movimentos de dissensão no interior mesmo da discursividade memorialista depreendida. Dito de outro modo, a formulação dos enunciados (elementos de saber da FD de referência) encontra, no intradiscurso, elementos de uma exterioridade interdiscursiva, dissimulados como evidência no fio mesmo do discurso. Ou seja: ao se constituir sob o atravessamento do interdiscurso, a discursividade memorialista em questão direciona sentidos para a reabilitação, mas também para o controle e, em outro extremo, até mesmo para a disjunção do sujeito discursivo com os excluídos sociais. Nos limites do funcionamento discursivo, corrobora-se, portanto, a natureza não-essencialista e relacional das identidades, visto que elas se constituem na contraparte da diferença (com os opressores / com os excluídos) e podem ser sempre reformuladas, numa ordem de contingência e indeterminação.

Esses são alguns elementos dessa abordagem, que prestigiou o entrelaçamento dos movimentos identificatórios com os efeitos identitários, colocando-os sob a dependência da configuração discursiva, heterogeneamente constituída entre o sentido e a falta que insiste.

Artigo recebido: 05/09/2011

Artigo aceito: 30/10/2011

Referências

- AZEREDO, J. C. Iniciação à sintaxe do português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 11ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CALLOU, D. et al. Topicalização e deslocamento à esquerda: Sintaxe e Prosódia. In: CASTILHO, A. T. (Org). Gramática do Português Falado Volume III: As Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp. 1993. p.p. 315-360
- COURTINE, J. J. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009.
- CUSSET, F. Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & CIA. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DELEUZE, G. Diferença e repetição. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

- FÁVERO, L. L. O Processo de Coordenação e Subordinação: uma proposta de revisão. In: CLEMENTE, E.; KIRST, M. (Org.). *Linguística aplicada ao ensino de português*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- FERREIRA, M. C. L. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. *Linguagem & Ensino*, Vol. 2, No. 1, 1999. p.p.123-137.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GADET, F. *La Double Faille*. Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen, 1978.
- GREGOLIN, M. R. V. Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- GRIGOLETTO, M. *Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção*. São Carlos/SP: Claraluz, 2006.
- GUILHAUMOU, J. *Linguística e História. Percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.
- JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2006.
- KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MARANDIN, J-M. *Sintaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso*. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et al.]. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1994, p-p. 119-162.
- MAZIÈRE, F. *A Análise do Discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2ª ed., Campinas, SP: Pontes, 1997.
- _____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 1987.
- REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- VIANA, M. J. M. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.